

A CRISE DO ALGODÃO TEM SOLUÇÃO

A história do algodão no Brasil nos últimos cinco anos é triste. Não somente devido à queda de produção brasileira, mas porque parece que poucas pessoas entendem a causa dos problemas do algodão e querem aplicar remédios totalmente errados. Os fatos, que se encadeiam em efeito-cascata, são:

- falta algodão porque o produtor não planta;
- o produtor não planta porque está quebrado e não tem financiamento de custeio;
- o produtor está quebrado e não tem financiamento porque o retorno de seu investimento é baixo e o banco não quer emprestar;
- o retorno é baixo porque sua produtividade é deficiente hoje, comparada com o mundo moderno, e seus custos de colheita são altos demais.

Embora os fatos sejam estes, até agora o único remédio que vem sendo proposto é reduzir o financiamento das importações de algodão e aumentar as alíquotas de importação. Essas medidas, segundo seus defensores, aumentariam o preço do algodão nacional. Isso é duvidoso e certamente será insuficiente para induzir o produtor a plantar algodão dentro do sistema hoje existente.

A idéia por trás dessa sugestão é de que existe um grande diferencial entre o custo desses financiamentos das importações de algodão e os juros internos. Essa suposição poderia ser verdadeira em 1995, mas hoje não é mais. Para abrir uma carta de crédito de importação, a empresa importadora precisa de um bom cadastro em seu banco, no Brasil. É este que vai lhe dar o crédito, não o fornecedor nem o banco deste no exterior. Assumindo o risco de seu cliente, o banco obtém a confirmação de seu correspondente no exterior e repassa a taxa de juros obtida.

Essa mesma empresa, com um bom cadastro, também obterá hoje crédito em reais, no

Brasil, para 360 dias, a 12 ou 13% ao ano (base dólar) — e não a 5% ao mês, como dizem os defensores da idéia de redução do financiamento externo para a indústria têxtil. Não tem sentido comparar juros internacionais com aquele pago pelo produtor no Brasil. Não é o produtor estrangeiro que está dando crédito à indústria têxtil brasileira, mas o banco brasileiro. Assim, é a indústria, e não o produtor nacional, que tem de obter créditos para comprar, se necessário com ajuda do Governo, com base em taxas competitivas nacionais ou internacionais.

Em consequência, para uma empresa têxtil com capacidade de importar, é muito mais interessante comprar algodão nacional a vista e financiar a compra em reais. A diferença entre 8% (taxa internacional mais 1% para custo de abertura do crédito) e 13% (em reais com risco cambial) é de 4%.

Esses 4% de diferença não pagam sequer as despesas portuárias de importação, e o importador ainda tem de pagar a taxa de importação, frete ultramar e outros custos, que resultam em nada menos de 15% sobre o valor da mercadoria. Conclui-se que hoje o produtor brasileiro tem uma proteção de pelo menos 11% (15-4%), só nessa diferença entre os custos de compra local e externa. Se, apesar disso, ele ainda não planta algodão, fica evidente que hoje não se pode atribuir ao financiamento do importado a falta de produção nacional.

Outros argumentos usados para explicar a "débâcle" do algodão no País, como a falta de EGF para garantir o preço mínimo, a defasagem cambial, os juros internos altos, contribuem pouco para encontrar uma solução. O produtor teve prejuízo em anos anteriores, abandonou o cultivo e hoje não se sente estimulado a voltar à atividade, porque duvida de sua rentabilidade e tem dificuldade em obter crédito para plantio, porque os bancos também duvidam.

Mas existem soluções para o algodão e elas não são complexas. O produtor pode dobrar sua receita, aumentando a produtividade com sementes modernas e com aplicação de melhor tecnologia. Numa perspectiva como essa, certamente os bancos oferecerão empréstimos de custeio para quem

plantar algodão e o Banco do Brasil garantirá os CPRs - o financiamento do futuro, preenchendo a lacuna da falta de financiamento que existe hoje.

Também a afirmação de que a produtividade no Brasil pode ser bem maior é comprovada por cultivos em Mato Grosso, Goiás e norte do Estado de São Paulo, onde se produz três vezes mais por hectare do que a média nacional. Como foi possível esse resultado? A solução foi importar sementes híbridas, cruzá-las com as nacionais e produzir com tecnologia.

Além de aumentar a produção por hectare, podem-se reduzir os custos em 30%, colhendo-se o algodão com máquinas colheitadeiras em vez de manualmente, em especial nas áreas extensas. Entretanto, pequenas propriedades usando colheita manual, mas com sementes de alta produção e resistentes a doenças, também podem ter retornos, embora mais modestos.

O crescimento da produção e da área plantada com algodão trará também um aumento do emprego no campo, agora mais qualificado.

Assim, é preciso mudar o foco da discussão para aquilo que realmente interessa: o que fazer para facilitar a obtenção, pelos produtores brasileiros, de sementes, tecnologia e mecanização. Resolvida essa questão, o algodão voltará a ser uma cultura rentável e atraente para o produtor, o Brasil deixará de gastar US\$ 1 bilhão/ano com importações, voltará à condição de grande exportador do produto e criará novos empregos.

Andrew Macdonald,

Coordenador da Comissão de Algodão da Associação da Indústria Têxtil (Abit).